

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II

MARÇO DE 1896

N.º 3

Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve

(Conclusão. Vid. *O Arch. Port.*, I, 337)

A 600 metros aproximadamente para O. da necropole da Fonte Velha, na mesma zona dos Sobões da Mina e em predio de José Nobre, existem restos muito interessantes de um lagar romano (*torcularium*).

Numa possante camada de grés que affora o solo, inclinada de NNE. para SSO., encontra-se uma excavação quadrilonga, semelhante a um tanque, com os dois lados maiores orientados naquelle mesmo rumo. Mede no lado de NNE. 1^m,42; no lado fronteiro, isto é, no de SSO., 1^m,45; nos outros lados 2^m,25, e na profundidade 0^m,41 ao NNE. e 0^m,26 ao SSO., por causa da inclinação da rocha.

Este tanque, indicado na planta (fig. *a*) pela letra *f*, fôra primitivamente revestido com argamassa composta de cal e areia, que até lhe occultava os angulos, substituindo estes por uma curva que ainda subsiste em *d*.

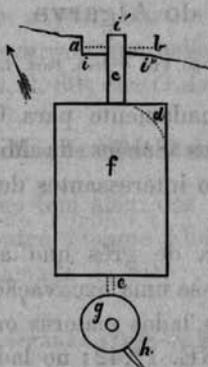
Rente ao fundo do recipiente, do lado de SSO., um orificio *e*, de 0^m,2 de comprimento, praticado no grés, communica com outra excavação circular *g*, de 0^m,82 de diametro, aberta na mesma rocha e que tambem era revestida com argamassa, tendo a profundidade de 0^m,65, no fundo da qual se abre, ao centro, uma fossazinha circular e pouco profunda. Do bordo d'esta especie de cuba parte um pequeno rego *h*, que termina no ponto em que é maior o desnivelamento da rocha.

Pelo NNE. do tanque a rocha foi nivelada até 0^m,6 aproximadamente do bordo, ficando nessa distancia um resalto *i*, *i'* e *i''*, muito acima do nivel do mesmo bordo. A parte reintrante *i'* penetra 0^m,28 pouco mais ou menos na massa do grés, e tem de largura 0^m,23. Com

a mesma largura segue d'ali um sulco pouco profundo *c*, que termina no bordo do tanque.

Na parede vertical da porção saliente *i* do resalto existe, quasi a meia altura, um excavação longitudinal *a*, que a atravessa; e fronteiro ao ponto em que esta excavação communica com o vão da parte reintrante do mesmo resalto, está na parede opposta d'este vão aberto um orificio circular *b*, com diametro aproximadamente igual ao da dita excavação.

Nós pensamos que em *i'* penetrava a extremidade (*lingula*) da vara (*prelum*) do lagar, extremidade atravessada por um orificio correspondente á excavação *a* e ao orificio *b* do grés, de modo que um eixo introduzido por esta excavação, passando pelo orificio da *lingula* e



penetrando no buraco *b*, segurava perfeitamente aquella extremidade da vara, permitindo aliás que fosse levantada e abaixada á vontade.

Esta disposição engenhosa evitava o emprego de poste ou postes verticaes de madeira (*arbores*) bem cravados no solo, que se ligavam á *lingula* da vara por eixo, nos lagares ordinarios, onde as circumstancias do solo eram diversas das que se notam no exemplar que estudamos.

O sulco *c* recebia a parte correspondente da vara, quando esta se abaixava. Sem elle, attendendo á inclinação da rocha, a pesada alavanca, encontrando ali um ponto de apoio, faria provavelmente rebentar o resalto do grés, onde existia o eixo da *lingula*.

O meio do recipiente *f* era a *area* onde se accumulavam os restos das uvas, depois de pisadas, ou da azeitona, depois de moída, e se cobriam com o *orbis*, peça de madeira sobre que actuava a vara, e que era destinada a distribuir com igualdade a pressão.

O suco escorria para o lado de SSO. do mesmo recipiente, e, pelo orificio *e*, ia cair na cuba *g*. Para o trasbordo servia o rego *h*, que

dirigia o liquido sobre um unico ponto, onde seria aproveitado; e para os restos que ficavam no fundo, servia a fossazinha central, onde um pequeno vaso poderia retirar-los quasi até ás ultimas gotas.

Qual a epocha do dominio romano a que pertence esta obra, é difficil dizer. Plinio conta que em tempos mais antigos a vara era abaixada por meio de cordas, correias de couro e alavancas; que havia um seculo se tinha introduzido o parafuso, á moda dos gregos, para erguer e abaixar aquella peça; e que depois de vinte e dois annos, isto é, em vida do auctor, tinha-se ainda modificado este apparelho, montando o parafuso no meio do lagar, parafuso que actuava sobre as peças de madeira que cobriam os restos das uvas¹. Mas se exceptuarmos este ultimo systema, que evidentemente não era o do exemplar de que tratamos, não estamos habilitados a resolver qual dos outros seria o adoptado, isto é, se o usado até cem annos antes de Plinio, se o usado depois, até vinte e dois annos anteriores áquelle em que este auctor escrevia. Ignoramos se no grés que para o lado de SSO. estava coberto de terra, existirão os dois buracos em que se fixavam os postes de madeira (*stipites*), que mantinham em baixo o cabrestante (*sucula*), destinado a augmentar a pressão da vara, e em cima a travessa onde existia a roldana que servia para levantar o pesado madeiro, conforme a descripção do mais antigo systema que nos dá Rich; e, ainda que existam, não será seguro concluir que a obra seja anterior a um seculo antes de Plinio, porque o velho systema parece ter continuado em uso, pelo menos até á sua morte, como prova a descoberta de lagares de vinho e de azeite assim construidos, mencionada pelo proprio Rich, em Stabias, povoação sepultada sob uma camada de cinzas e de pedra-pômez, vomitadas pela mesma erupção do Vesuvio que causou a morte do escriptor romano.

O exemplar que fica descripto não é o unico na freguesia de Bensafirim. O reverendo Gloria affirmou-nos que existe outro semelhante, com menores dimensões, em predio seu, conhecido pelo nome de *Lagarinho*.

*

Restos romanos e arabes encontram-se frequentemente, á superficie do solo, em quasi toda a freguesia e suas circumvizinhanças.

Nós podemos citar alguns que casualmente vimos.

¹ *Nat. Hist.*, XVIII, LXXIV, §§ 6.º e 7.º

No sitio do Valle da Vinha, a dois kilometros aproximadamente para o norte da igreja matriz, encontrámos fragmentos de telhas de rebordo no meio de um grande esteval, associados a grupos de pedras que o proprietario nos apresentou como ruínas de sepulturas, mas que na realidade indicavam serem restos de outras construcções.

No Monte Amarello, a dois kilometros mais para o norte, vimos alguns cacos de grandes vasos romanos, talvez de *dolia*, e um fragmento de alguidar arabe, esmaltado de verde, igual ao que já mencionámos neste estudo.

Na caverna de Saborosa, situada a um kilometro aproximadamente para ESE. da igreja matriz, recolhemos um pedaço de louça coberta de esmalte amarello, igual ao de muitas louças arabes que tem sido colligidas no Algarve.

No pequeno povoado da Portella, que fica na estrada pública entre Bensafrim e Lagos, vimos um grande pedaço de *pavimentum* da especie *opus signinum* ainda solidamente fixado no solo de uma rua.

Estes e outros objectos esparsos tem sem duvida pequeno valor archeologico; mas se nos aproximarmos de Lagos, passando a ponte, em direcção á ermida de S. Pedro, a 300 metros pouco mais ou menos para E. d'este edificio, em predio da Sr.^a D. Theodora Amalia da Silva Machado, encontramos obra de maior vulto. Trata-se de uma necropole luso-romana por inhumação, estabelecida na encosta d'esse predio que se acha voltada para O., ao lado da casa de habitação; necropole já muito devastada pela construcção d'este edificio e pela plantação de figueiras, mas onde os estudiosos poderão ainda encontrar bastantes sepulturas intactas.

*

É a necropole de Marateca.

Fôra o nosso erudito amigo Sr. José Joaquim Nunes quem nos dera noticia d'esta estação, mostrando-nos os bronzes recolhidos em uma das sepulturas, como já dissemos neste estudo. Ao principio pouco nos interessara a descoberta; mas quando elle nos apresentou em sua casa um vaso de barro fabricado á mão, que se encontrara associado ás peças metallicas, ficámos com um vivo desejo de aproveitar uma nova excursão a Lagos, para explorarmos o sitio.

A razão d'este desejo já o leitor terá colhido no que escrevemos á cêrca de certas louças de Marim. Presumiamos já então um facto de que hoje estamos inteiramente convencidos, qual o da existencia, entre os povos que habitavam o país, de uma industria ceramica com

feição primitiva em plena epocha romana; e o vaso de Marateca era mais um argumento poderoso a favor d'aquella these.

Por consequencia, voltando a Lagos alguns meses depois, e obtida auctorização da proprietaria do terreno, fomos com o reverendo Nunes estudar a necropole.

Fizemos descobrir seis sepulturas, que estavam intactas. Junto de algumas encontrámos restos esparsos de *opus signinum*, arrancados sem duvida do pavimento de algum edificio.

Duas ou tres lages horizontaes formavam a tampa de cada uma d'estas sepulturas; mas em uma d'ellas as lages estavam cobertas e cimentadas por espessa camada de argamassa composta de cal e areia. No entulho que existia em cima das tampas encontraram-se pedras soltas, fragmentos de *opus signinum* e ossos humanos em desordem.

A presença d'estes ossos em semelhante logar não nos surpreendeu. Na necropole luso-romana de Ferrestello, situada no concelho da Figueira, verificámos o mesmo facto; e pareceu-nos evidente que taes ossos tinham sido removidos das sepulturas, para darem logar a outras inhumações. É tambem a explicação que damos ao facto notado em Marateca.

Levantadas as tampas, appareceram seis fossas rectangulares alongadas, abertas na marne calcarea, medindo, termo medio, 2^m,35 no comprimento e 1 metro na largura, todas orientadas, no seu eixo maior, de ENE. a OSO. Comparada esta disposição com a das sepulturas das necropoles de Marim e de Ferrestello, parece fóra de dúvida que não havia uma orientação recta e ritual para todas as necropoles, embora em cada uma d'estas as sepulturas estudadas tivessem aproximadamente a mesma orientação.

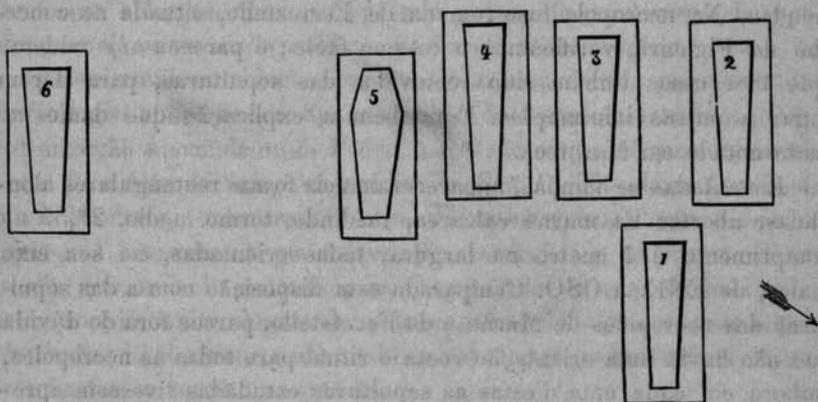
Sómente entre a de Marim e a de Ferrestello ha uma orientação commum, que póde talvez explicar-se pela configuração do terreno. Em ambos os logares o solo abaixa na direcção do Sul, e em todas as tres necropoles se observa que o eixo maior das sepulturas se cruza em X com a linha do declive do terreno.

Na necropole gallo-romana de Poitiers as sepulturas por inhumação não tinham a mesma orientação. Eis o que a este respeito diz o relatório das explorações: «Il est difficile de tirer quelque conséquence de l'orientation des tombes; la plus grande partie d'entre elles sont creusées du nord au sud, mais il en est aussi qui le sont de l'est à l'ouest, et ce fait se présente pour les sépultures par incinération comme pour celles où les corps étaient simplement inhumés».

Ha comtudo exemplos, no estrangeiro, de uma orientação commum não só na mesma necropole, mas em muitas necropoles diversas.

O Sr. B. Reber explorou um grande numero d'ellas, preromanas e da epocha romana na Suissa, pelos arredores de Genebra, Saboia e departamento de Aix, onde as sepulturas eram feitas de lages brutas, como algumas de Ferrestello e da necropole da Granja do Oliveiro, no Valle do Mondego, e observou que em geral os mortos foram inhumados com a cabeça para O. e os pés para E., como se vê da communicação por elle feita na 10.^a sessão do congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistoricas, celebrado em Paris, no anno de 1889¹.

As fossas rectangulares tinham de profundidade 0^m,3 aproximadamente. No fundo de cada uma estava aberta outra fossa mais pequena, com a profundidade média de 0^m,5.



Cinco d'estas segundas fossas eram em fôrma de trapesio alongado, medindo na base, que estava voltada para OSO., 0^m,5, na extremidade opposta 0^m,3, e nos lados 1^m,9 em umas e 2 metros ou 2^m,2 em outras. Uma tinha a fôrma de dois trapesios de altura desigual unidos pelas bases. No seu comprimento e na largura do lado de ENE. não differia das outras; mas media aproximadamente 0^m,6 na base dos trapesios e 0^m,4 do lado de OSO.

Na fig. *a-b* damos a planta de taes sepulturas. Cinco eram paralelas, distando entre si 0^m,35 a 2^m,9; e uma ficava a ENE. de duas das primeiras, parecendo indicar outra fileira de sepulturas d'esse lado.

¹ *Compte-rendu*, pag. 621-622.

A sepultura n.º 1 era a que tinha a tampa coberta com argamassa. Dentro existia um esqueleto estendido horizontalmente; e ao lado direito do cranio um vaso de fôrma e barro semelhantes ao da fig. 2¹, mas um pouco maior, com uma canelura em redor do bojo, e sem collo nem asa, cujos fragmentos não foram encontrados na sepultura. Aos pés do esqueleto estavam agglomerados os ossos de outros esqueletos, como em sepulturas de Marim e de Ferrestello; ossos que provinham de inhumações anteriores.

Na sepultura n.º 3 existiam dois esqueletos sobrepostos, estendidos horizontalmente e separados por uma camada de poeira. Attendendo á pequena profundidade da fossa, parece manifesto que a inhumação não fôra simultanea. Depois de consumido o primeiro corpo é que sepultaram o segundo, sem se darem ao trabalho de removerem os ossos d'aquelle.

Cada uma das sepulturas n.ºs 2, e 4 a 6 continha um só esqueleto, na posição dos outros.

Os corpos foram deitados sobre as costas, com as cabeças para OSO., apoiadas em pequenos resaltos da rocha, servindo-lhes de travesseiros, que se acham no fundo das sepulturas, como já tínhamos notado na necropole de Marim. Os braços eram estendidos ao longo do corpo, como nesta necropole e na de Ferrestello.

Pelo que fica dito vê-se que a necropole de Marateca é pobrissima. De mobiliario funebre só recolhemos uma peça—o vaso de barro quebrado, e este na melhor sepultura. O vaso é trabalhado á roda, como o da Moreira; e não nos parece haver dúvida sobre a sua feição romana.

Como não se encontraram pregos, é licito suppor que os corpos não foram sepultados em caixões de madeira². Tambem nos parece que não foram cobertos de terra, porque os esqueletos apenas se acharam envoltos numa espessa camada de poeira ou particulas ter-

¹ Vid. o *Arch. Port.*, I, n.º 8, pag. 194.

² A hypothese de os grandes pregos das sepulturas da epocha romana serem provenientes dos esquifes de madeira que encerravam os cadaveres, acaba de ser confirmada pelos estudos feitos na necropole romana de Mouy-Bury (Oise), recentemente descoberta e explorada pelo abbade Hamard e que pertence ao quarto seculo da nossa era. Sobre a exploração de uma das sepulturas lemos o seguinte: «Un clou, un clou énorme, à large tête triangulaire, apparaît d'abord. Le cercueil, étant de bois, a disparu, pourri, rongé. Les clous qui le fermaient indiquent maintenant la place des parois». *Revue encyclopédique*, 6.º anno, n.º 131, de 7 de Março de 1896.

rosas muito leves, que devem ter sido introduzidas pela infiltração das aguas pluviaes.

Os ossos estavam muito decompostos. Apenas se aproveitaram alguns que o Rev.^o Nunes pediu para o Museu Ethnographico Português. Entre elles ha um cranio que nos pareceu brachycephalo.

*

Comparando esta necropole com a de Marim, no concelho de Olhão, e com as de Ferrestello e da Granja da Oliveira, no valle do Mondego, é fóra de dúvida que ha entre ellas certa relação: e é que todas pertencem á mesma epocha—a do dominio romano na peninsula. Mas o systema das sepulturas nas duas necropoles do Algarve é diverso do que observámos nas do Valle do Mondego. Em Ferrestello as sepulturas eram uma especie de caixões com fóma quasi rectangular, feitos com lages brutas ou telhas romanas, ou com ambas estas cousas conjunctamente, como póde verificar-se nos exemplares que restaurámos no Museu Municipal da Figueira; e na Granja da Oliveira as que vimos eram todas feitas com lages brutas, e só differiam d'aquellas em terem a forma sensivelmente trapezoidal e serem menos toscas. Em umas e outras não apparecem vestigios de argamassa.

A differença entre estas duas necropoles e as do Algarve explicar-se-ha sómente pela diversidade dos povos que habitavam o Sul e o centro do país ou por serem de diversos tempos do longo dominio dos Romanos? Adeante tocaremos ligeiramente esta questão, que por emquanto não nos parece poder decidir-se com segurança.

O mais interessante é que as differenças, embora de pouca importancia, entre as duas necropoles do valle do Mondego, podem tambem levantar a mesma questão de ser qualquer d'ellas anterior á outra. Por debaixo de um pavimento de mosaico da sumptuosa casa romana que existia no sítio da capella de Nossa Senhora do Desterro, em Montemor-o-Velho, casa que parece ter sido destruida por um incendio, e cujas ruinas a selvageria dos tempos modernos tem systematicamente feito desaparecer, vimos uma sepultura trapezoidal inteiramente semelhante ás da Granja da Oliveira que fazia talvez parte da necropole cujos restos nos appareceram esparsos na excavação a que procedemos no adro da referida capella. Esta necropole, anterior sem dúvida á construcção do nobre edificio romano, e tão antiga que os constructores d'este não tiveram noticia d'ella (de outro modo não

teriam naturalmente escolhido semelhante logar), devendo ser contemporanea da outra, pode auctorizar a conjectura de que ambas serão anteriores á de Ferrestello, onde já se empregava a telha romana em vez da lage bruta. Mas, se attendermos á relação que parece existir entre as sepulturas de Ferrestello e os proximos depositos de Santa Olaya, onde estudos muito recentes nos vieram demonstrar que existiu um castro, é mais verosimil a hypothese de que a de Ferrestello é anterior ás outras.

Seja, porém, como for, as diferenças não são de tanta importancia que possam fazer suppor um longo periodo de tempo decorrido entre as duas necropoles do valle do Mondego. Achamos até verosimil que pertençam ao mesmo periodo historico, e que o emprego das telhas se explique pela escassez das lages em Ferrestello e nos terrenos vizinhos. O que principalmente apoiaria esta hypothese seria o facto de nas sepulturas d'esta necropole se aproveitarem até pequeninas pedras chatas e fragmentos de tijolos e de telhas, indicios da carencia de melhor material. Por outro lado nós não pudémos examinar na Granja do Oliveira senão duas sepulturas, que estavam violadas. O parcho da freguesia, cuja ignorancia nos causou verdadeiro assombro, obstou a que proseguissemos na exploração, por estarem as sepulturas em terreno que fórma o adro da igreja; e por isso não sabemos se todas serão construidas com lages, e se terão a mesma fórma. Dentro de uma das sepulturas, onde tudo estava em desordem, encontrámos fragmentos de telhas romanas; e nada se oppõe á conjectura de que estes objectos tivessem feito parte das peças que cobriram outr'ora a mesma sepultura.

O numero d'estas pobrissimas necropoles por inhumação da epocha romana parece indicar um facto analogo ao que o Sr. Reber inferiu das que explorou na Suissa, isto é, que pertenceram á população autochtone do país. Este facto não discorda do que dissemos á cêrca da condição servil dos mortos de Marim, porque a peninsula deve ter sido para os Romanos um viveiro de escravos. Eis o que a este respeito diz Herculano: «País domado pelas armas, a Peninsula devia ter visto cahir muitos dos seus filhos na servidão. Era por meio dos escravos que os romanos cultivavam as terras, e é sabido a que ponto de tyrannia a escravidão chegou entre elles. Os servos agricultores foram os mais opprimidos pela deshumanidade e pelo capricho dos senhores do mundo¹».

¹ *Historia de Portugal*, tomo 1, pag. 40.

Sepulturas propriamente romanas seriam as da necropole por incineração da Fonte Velha, que ficam descriptas, as que se descobriram no pendor septentrional do outeiro de Santa Olaya, quando foi construída a estrada entre Figueira e Coimbra, sepulturas que encerravam bellas amphoras e um variado mobiliario de bronze, alguns dos sarcophagos de pedra encontrados no sitio do castello de Montemor-o-Velho, que foram partidos e empregados na alvenaria dos muros do cemiterio, e as oito sepulturas de tijolo abobadadas que se acharam ao lado das ruinas de Nossa Senhora do Desterro, e que foram logo destruídas!

Estudando as necropoles das circumvizinhanças de Cascaes, o fallecido Francisco de Paula e Oliveira fez algumas observações que concordam com as que deixámos indicadas. Nas de Manique de Baixo, de Bicesse e de Alcoutão as sepulturas, feitas de lages brutas, eram quasi quadrangulares e oblongas, precisamente como as de Ferrestello, mas orientadas a L.-O., e não de NO. a SE., como estas ultimas, e não estavam guarnecidas com lages no fundo. Relativamente ás de Alcoutão o illustre anthropologista não affirma absolutamente a orientação a L.-O.: emprega os termos — *à peu près*, que auctorizam a pensar que na propria necropole havia variantes; e é o que de facto se nota na planta que acompanha o seu escripto. As sepulturas d'esta necropole estavam dispostas em diversas filas, como tambem indicava a disposição das de Marim e de Marateca, na vertente SE. de uma eminencia, cruzando por isso o seu eixo maior (L.-O.) em X com a linha de declive do solo, como naquellas necropoles e na de Ferrestello. Em algumas os intersticios das lages eram tapados com cal e tijolo britado, talvez fragmentos soltos do *opus signinum*, como em Marateca, mas de que não havia vestigios em Ferrestello e nas duas sepulturas da Granja do Oliveira.

Na mesma necropole de Alcoutão cada sepultura continha um, dois e raramente tres esqueletos estendidos sobre as costas, com as cabeças para O.¹ e os braços ao longo do corpo, e ossos de outros esqueletos agglomerados aos pés. Esta disposição dos esqueletos sobre as costas,

¹ Na necropole romana de Mouy-Bury, que pertence ao seculo iv da nossa era, como dissémos, os corpos ficavam com as cabeças para Oeste. «Le mort regardait l'ouest, suivant l'orientation générale des tombes romaines, variant à peine de 15° à 25°». *Revue Encyclopédique*, loc. cit.

a dos braços e a aglomeração de outros ossos aos pés são communs ás duas necropoles algarvias e á de Ferrestello; e a sobreposição de dois esqueletos appareceu, como vimos, em Marateca. O Sr. Paula e Oliveira opinou, como nós, á cêrca dos ossos agglomerados. «Cette circonstance (diz elle), semble indiquer qu'il y eût des inhumations successives dans les mêmes tombes; les restes des cadavres plus anciens étant plus écartés, ou même rejetés en partie au dehors, pour céder l'emplacement aux morts récents».

Na necropole de Abujarda, situada na vertente meridional de uma collina, as sepulturas, dispostas em filas e em fôrma semelhante ás de Alcoutão, eram pela maior parte orientadas a L.-O. e algumas a N.-S. Entre as primeiras havia exemplares construidos com lages apparelhadas ou com paredes de tijolos, como em sepulturas de Marim, mas revestidas interiormente com argamassa composta de cal e areia.

O erudito explorador, encontrando nesta e nas outras necropoles os esqueletos envolvidos por uma camada de terra muito tenue e ligeira, precisamente como nas necropoles de Marim e de Marateca, pensou que não tinha havido o uso de cobrir os corpos com terra, attribuindo a que envolvia os ossos ás infiltrações. Em Ferrestello uma sepultura mais bem vedada tinha apenas uma insignificante camada de poeira, que não cobria os ossos; mas as outras, muito rotas, estavam completamente entulhadas pela areia que constitue o proprio terreno da necropole. Na sepultura de Nossa Senhora do Desterro, a que alludimos, a poeira tambem parece que não chegava a cobrir os ossos. Quanto á necropole da Granja nada podemos ajuizar sobre este ponto, porque as duas sepulturas já não tinham tampa.

Numa das necropoles de Murches as sepulturas, tambem enfileiradas, eram simples fossas abertas no solo, cobertas com lages brutas, como em Marateca e nalgumas sepulturas de Marim, e estavam invariavelmente orientadas de ENE. a OSO., precisamente como na primeira d'estas duas necropoles; mas os esqueletos jaziam inclinados sobre o lado direito. Noutra necropole de Murches as sepulturas eram construidas e orientadas exactamente como em Alcoutão.

O Sr. Paula e Oliveira affirmou que todas essas necropoles de Cascaes, com excepção da penultima, pertenciam á epocha romana; e nós estamos convencidos de que a propria exceptuada é da mesma epocha, attendendo á sua semelhança com as duas necropoles algarvias, onde não é licito duvidar da presença da industria romana. Pensou tambem que seriam do começo do dominio romano, provavelmente do segundo seculo antes de Christo, que foi quando os povos do Oeste da Peninsula foram definitivamente subjugados.

Quanto a nós, até provas concludentes em contrário, as do valle do Mondego, a de Alcoutão e todas as mais em que as sepulturas são do mesmo typo pertencem, como teremos de mostrar em outro escripto, aos primeiros tempos do dominio romano, que começou nos fins do seculo III antes de Christo, sem que possamos determinar até quando subsistiram. A de Abujarda, onde á sepultura do typo de Alcoutão já se acha associada a fossa revestida com paredes de tijolo e argamassa, pertence talvez a um tempo de transição, que no estado actual dos nossos conhecimentos não póde limitar-se com datas precisas. A de Marim, onde a sepultura com paredes de tijolo ou pedra e cal se acha associada á simples fossa aberta na marne, calcarea e coberta de lages brutas, a de Marateca e a primeira necropole de Murches, onde as sepulturas conhecidas são todas d'este ultimo typo, parecem ser posteriores a todas as outras necropoles.

Do facto de os Romanos terem introduzido na Peninsula o uso da incineração não póde concluir-se que estas tres ultimas necropoles sejam muito antigas e anteriores áquelle uso. A simples fossa tambem era um uso romano, como já dissemos neste estudo: applicava-se á plebe mais miseravel de Roma. O uso da cremação coexistiu sempre com o da inhumação até nas provincias; e a prova mais evidente está na necropole gallo-romana de Poitiers, que pertence já aos seculos II e III da nossa era: sendo muito para notar que algumas das sepulturas por inhumação d'esta necropole tambem consistiam em simples fossas abertas no solo, com um resalto no fundo para apoiar a cabeça, e cobertas com lages, e outras eram revestidas com paredes de tijolo, como na referida necropole de Murches e nas duas do Algarve.

De resto o Sr. Paula e Oliveira emite francamente a opinião de que as necropoles de Cascaes, attribuidas por elle á epocha romana, pertenceram á população autochthone¹.

¹ Vid. *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*. Do seculo IV depois de Christo é a necropole romana de Mouy-Bury, a que já nos temos referido; e as sepulturas alli são por inhumação. A noticia que dá a *Revue encyclopédique*, n.º 131, do corrente anno, diz que são feitas com lages; mas não sabemos se estas têm algum apparelho, ou se são brutas. Nesta última hypothese teriamos até muito tarde na Gallia o typo archaico das sepulturas de Alcoutão e de Ferrestello.

*

Para Oeste de Lagos, quasi a metade da distancia entre esta cidade e Sagres, está a povoação de Búdens; e a dois kilometros aproximadamente para o Sul d'esta povoação, fica o logar da Boca-do-Rio, sobre a costa do mar.

Neste ponto existem umas ruínas romanas que Estacio da Veiga explorou em parte, e que presentemente se acham muito destroçadas. Os nossos serviçaes, que eram de Búdens e conheciam bem o logar, e um outro homem, que trabalhou alli ás ordens d'aquelle explorador, e que depois ficou por muito tempo de guarda ás ruínas, informaram-nos que o mar destruíra já um grande molhe, dique ou caes, que existia em frente dos restos da casa, sobre a praia. A falta de providencia na exploração causara em pouco tempo a perda de uma obra que durante seculos resistira ao embate das ondas. Para arrancarem uma lapide com inscripção e outras pedras interessantes, que estavam na cortina d'esse molhe ou caes, abriram por alli uma via ao mar, que lambeu e levou os aterros, e reduziu os muros a um montão de pedras.

Já não vimos praia de areia: só pedras de construcção até á orla do mar. As ondas vinham cuspir-nos a tres metros de distancia da parte descoberta do edificio, que ainda se acha de pé.

Esta parte compõe-se dos envasamentos das paredes de duas pequenas camaras quadrangulares e contiguas, mas sem communicação entre si, dispostas numa linha paralela á orla do mar. Na face exterior da parede meridional da camara do nascente, face que fica fronteira ao sítio que fôra occupado pelo molhe ou caes, notámos uns restos de revestimento com argamassa, que nos indicaram o nivel do pavimento d'esta obra. Esses restos pertenciam ao remate inferior do revestimento.

Notámos ainda que houvera diversas camadas de revestimento, sobrepostas, todas com pinturas *a fresco*. D'aqui inferimos que esta face decorada pertenceria ao interior de alguma outra camara mais vasta, que existisse pelo lado do molhe, ou estaria dentro de algum portico que abrisse para o mesmo lado. Esta última hypothese é talvez a mais verosimil, porque nos contaram que sobre o molhe ou caes encontrára Estacio da Veiga restos de columnas. Inferimos tambem que já na epocha em que o edificio foi habitado, o mar galgara por vezes o molhe e destruíra o revestimento da parede, obrigando os moradores a refazerem a obra. O apparelho do revestimento é seme

lhante ao de Marim; e os restos de pinturas apresentam as côres azul e castanho.

Nessa camara do nascente, que fizemos desentulhar de novo, encontrámos um pavimento de mosaico, já muito destrôçado, representando talvez uma grande estrella, e tendo em volta uma cercadura de phantasia. Os cubos (*tessela*) são de calcareo branco e amarelo e de uma rocha azulada. O mar não foi aqui o principal elemento de destruição. A argamassa em que assenta o mosaico, foi preparada com areia do mar, e desfaz-se facilmente com a simples pressão dos dedos. Mal se comprehende que os Romanos commettessem semelhante erro.

Na camara do poente o pavimento era de terra. Ignoramos se assim estaria sempre; mas é provavel que tambem alli tenha existido um pavimento de mosaico. Excavada a terra, que estava durissima, parecendo ter sido apisoada, verificámos que a 0^m,5 aproximadamente de profundidade o entulho era de areia. Neste entulho recolhemos pregos de ferro, cobre e bronze, um anzol de bronze, uma agulha de osso, cujo fundo foi partido no acto da exploração, um grande dente de javali engastado em cobre ou bronze com anel de suspensão, e restos de ceramica muito fina e de vasos de vidro.

Os prégos teem secção quadrangular e cabeça achatada. O anzol é feito de uma haste conica com o diametro maximo de 0^m,003, achatada na parte em que é ligada pelo fio, como os nossos anzoos actuaes, mas sem farpa na ponta, á semelhança de certos exemplares da epocha do bronze. A agulha é uma haste cylindrica, polida, com a ponta espessa e talhada obliquamente, medindo até ao ponto da fractura, onde conserva vestigios do fundo, 0^m,08. O dente de javali devia talvez ser um amuleto, que se trazia suspenso ao pescoço. Entre os gauleses apparecem ás vezes estes objectos suspensos no *torques*. O Sr. J. de Baye communicou na 10.^a sessão do congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistoricas, celebrado em 1889, que em uma sepultura gaulesa de *Saint-Jean-sur-Tourbe* (Marne) encontrara um dente enfiado em anel suspenso d'aquella peça¹.

Para Oeste das ruinas, na elevada barreira de terra e areia que o mar vae destruindo, a excavação descobriu um pequeno cano, feito de alvenaria ordinaria, tendo o fundo revestido com telha curva (*imbrex*) e a cobertura de lage. Este cano vem do lado do Norte; mas não tivemos tempo para segui-lo com a excavação, a fim de conhecermos a sua origem.

¹ *Compte-rendu*, pag. 312 e 313.

Esparsos no seio da terra appareceram fragmentos de vasos de vidro e de barro fino, parte de uma lampada (*lucerna*) de barro, o collo e bocca de um grande vaso com duas asas, uma asa horizontal de outro vaso mais robusto, tres fragmentos de placas de marmore de diversas côres, uma placazinha de cobre, um pequeno prego do mesmo metal e uma moeda de bronze muito oxydada.

Pelo Norte e contiguo á camara do nascente encontrámos um grande deposito de rebotalhos de cozinha, consistindo principalmente em valvas de molluscos marinhos, onde recolhemos alguns pregos e um escopro (*scalprum fabrile*) de ferro, este último de secção quadrangular junto á cabeça e achatado e mais largo para o lado do gume, medindo no comprimento 0^m,16.

Os vidros recolhidos nestas excavações são brancos ou esverdeados. Entre os primeiros figura o fundo de uma pequena taça com pé. Na ceramica mais fina ha a coberta vermelha e lustrosa de que demos noticia a respeito das louças de Marim, e ornatos de phantasia em relêvo, como em algumas peças da necropole da Fonte-Velha. Apenas um exemplar apresenta a figura de um guerreiro, com o escudo adiante do peito e a lança ao hombro. Parecé-nos que esta ceramica é a que alguns chamam *samiana*, que teve sua origem na célebre ceramica de Arezzo.

Eis o mais importante d'estas ruinas. É pouco, sem dúvida; mas nós pensamos que ha alli ainda muito que explorar, pelo lado do Norte das ruinas descobertas, se attendermos ao plano geral das casas de habitação romanas e á existencia do cano que vem do interior da terra. Na collina que se ergue do lado do Oeste tambem devem encontrar-se vestigios interessantes. Nós fomos informados de que alli se tem descoberto sepulturas.

*

Alem das estações que temos tentado descrever, colhemos noticia de outras durante as nossas excursões entre Tavira e Búdens, sobretudo nas vizinhanças de S. Braz de Alportel e na freguesia da Mexilhoeira Grande. O Algarve está juncado de restos da epocha romana, cujo estudo absorveria mais do que a vida de um individuo, e só podia ser feito com enorme sacrificio de cabedal, a avaliar as despesas pelo que nos custaram as nossas explorações. Nós não podiamos ir mais longe, nem o objecto dos nossos estudos o permittia; e por isso deixamos a outros a tarefa de inventariar tudo o mais que por lá existe.

A. DOS SANTOS ROCHA.